

Os dinossauros e o Brasil

GLOBO

JUN 1993
* 6
JUN 1993
JOSÉ SARNEY

Hoje tenho uma visão muito clara de que o Brasil não sairá da crise econômica sem uma parceria forte e confiável com a comunidade financeira mundial.

O país se isola a cada dia e perde a dimensão de que não é mais metáfora falar-se de "um mundo só". É uma realidade incontrastável. Eu fui vítima de alguns equívocos na romântica e quixotesca absorção da tese de que devíamos ladear a ordem mundial na busca de um caminho isolado. É verdade que, há oito anos, 1985, quando assumi a Presidência, o mundo era outro. Vivíamos os estertores e, por isso mesmo, mais dramáticos, da Guerra Fria, que antes condicionaram todo o panorama mundial. Todos os países viviam as regras da confrontação que, na América Latina, geraram militarismos, guerrilhas, tomada do poder pela força, violência, agitação, subversão, terrorismo.

O fim da bipolarização libertou-nos dos alinhamentos. A economia mundial passou a ser independente. A Europa do Leste, que se pensou ser a nova área de expansão econômica, mergulhou numa desordem, imprevisível de desvendar-se quando terminará e em que vai dar. As guerras étnicas, os problemas de fronteira e a desordem social afastam os investimentos.

A Ásia caminha a passos largos para ser a nova fronteira de crescimento. A China desponta como o país destinado a preencher o vazio criado com o desaparecimento da União Soviética. Acabam-se os degraus. Vive-se uma era de pragmatismo econômico e a certeza de que somente a economia de mercado é capaz de transformar as sociedades, gerar riquezas, criar bem-estar e assegurar a justiça social.

A China criou mesmo a doutrina que, a princípio nos parece contraditória, do "socialismo de mercado", "abertura da economia", para aproveitar todas as potencialidades do capitalismo. A Rússia e os países que estão agora independentes naquela área seguem essa rota e, em todos os recantos, desaparecem os sectarismos. A velha fórmula de capital e trabalho agrega ciência, tecnologia e sistemas de gestão. Os controles burocráticos são abolidos e o Estado, ao contrário do que se pensa, fica mais forte como prestador de serviços, harmonizador de conflitos, condestável de direitos civis. Há um poder criativo na liberdade econômica que está gerando, em todos os lugares, condições melhores de vida.

E o Brasil? É triste verificar-se que a discussão aqui se sedimentou e se fala em "conservadores" e "progressistas", fôsseis de um tempo que não existe mais, dos dinossauros políticos, corpo grande e cérebro pequeno. Vamos exorcizá-los.

A tal modernidade de que falaram era a coisa mais antiga que podia existir, porque pura demagogia, que é falar-se de soluções fáceis para problemas difíceis. Ela ficou na importação de automóveis e nas privatizações, sem política industrial, um jogo apenas do que se chamou "papéis podres".

Abrir a economia. Abrir mesmo. Esse deve ser o ato de coragem que está no início do caminho para solução da crise. Buscar uma parceria forte com a economia internacional, eis a questão e solução.

Para isso é necessária uma agenda positiva, aprovada por uma maioria política que se disponha a fazer do Brasil não o país do futuro, mas do presente, sem a presença dos triceratops de Spielberg.